

Dados da Ficha

Palavras-chave	Herdeiros, comida, trabalho manual, madeira, João Maria.
Entrevistado:	João Quadros (JQ)
Idade:	76 anos
Entrevistadoras:	Melânia Höhn (MH) Maria N. Castamann (MNC)
Data da entrevista:	Nov. de 2014
Transcrição da entrevista:	NI

MNC - Então o seu nome completo?

JQ - João Quadros

MNC - O senhor é natural daqui mesmo?

JQ - Nasci pra cá da Linha Serra numa igreja que tem ali há 76 anos. Sai dali com 10 anos e fui morar lá no costão da Barra do Carneiro que hoje é o lago da Foz do Chapecó. Morei lá setenta anos, faz seis anos que moro aqui.

MNC - O senhor saiu de lá por causa do lago?

JQ - Sim

MNC - E como que era aqui na época?

JQ - Na época aqui não tinha nada, só mato, algum acampamento de rocio, porque naquela época não tinha esse negocio de escritura, então o pessoal se acampava e vivia a vida ali. Então tinha o acampamento do meu avô, ele morava lá na sede da Cachoeira. Lá de onde eu sai da barragem também era acampamento do meu avô. Não se comprava terra, quando se agradava de um lugar fazia acampamento e ficava de dono. Então comunidade não tinha, não tinha igreja. Eu fui batizado em um terreiro de uma casa aqui perto do Cecatto, ai o avô do segundo chamou o padre para fazer uma festa religiosa no dia Santo de Bom Jesus no dia seis de Agosto, mas não era vendido nada era tudo dado. Então o padre fez o batizado em um gramado e nós nos batizamos. Ainda lembro o nome do padre era Liberato. Então batizava uma caieira de gente, eu tinha nove anos, começava o batismo e também o registro porque ninguém tinha registro e eu também não me registrei, registrei só com vinte e dois anos. Os pais naqueles tempos pobres

bastante não tinham como registrar, tinha uma época em que a comarca era em Palmas –PR. O finado pai foi registrado em Palmas porque não tinha município aqui e Chapecó era tudo sertão. Quando foi para aposentar o finado pai, o cara falou: o senhor não mora aqui o seu registro é do Paraná, ai meu pai explicou para ele porque foi registrado no Paraná. Então a comarca veio para Xanxerê e depois para o Bormann. O Bormann foi município uma vez, e depois voltou para Chapecó, não sei por que inventaram Chapecó, antes era Passo dos Índios e ai mudou o nome. A vida era bem sofrida, médico não tinha era tudo a base de curandor. Chapecó tinha dois curandores, o tal de Braz e o Arthur Palhano que davam remédio. Saia às cinco da manhã a cavalo para buscar remédio e morria pouca gente. Tinha gente que vinha lá de Nonoai para se curar. Agora tem tudo, tem posto de saúde, tem bons médicos. O primeiro médico de Chapecó foi o doutor Schein, quem inventou o consultório foram os Bertazzo, a velhinha Zenaide Bertazzo que era a dona. Então o hospital já dizia Hospital Zenaide Bertazzo, agora que mudaram para Santo Antônio. Zenaide Bertazzo era mulher do velho Serafim Bertazzo que deveria ser pai daqueles outros Bertazzo.

MNC - Então seu pai veio aqui no mato? Era terra do governo?

JQ - Não era de ninguém, terra que ficou abandonada em que os velhos morreram e não fizeram inventário então ficou assim, “tal de alça pública”. O meu avô ficou morando um tempão ai, então os tal de herdeiros de Palmas descobriram as terras e vieram ai. Então meu finado avô foi para Palmas porque teve ameaça de despejo. Uma boa quantia de gente correu de tudo, meu avô era pessoa de coragem, nesses tempos de eleição tinha que ir a Palmas votar.

MH - Então quer dizer que tinha gente que abandonou a terra?

JQ - Abandonaram de medo, porque vieram os herdeiros de Palmas pegaram e partiram tudo por dinheiro e deram prazo de trinta dias para sair, quem não fosse era para queimar as casas.

MH - Eles eram de alguma colonizadora?

JQ - Eram herdeiros das áreas, ai descobriram e vieram em busca das coisas. Então vieram duas herdeiras já com ordem do juiz. Só que o meu avô não quis correr, então foram meus dois avós maternas e paternas e enfrentaram, foram para Palmas, meu avô era um cara que levava os eleitores para votar, então procurou um advogado que era companheiro dele e foram no juiz.

Então o juiz falou: - Não vai acontecer nada com vocês, eu assinei, mas o governo do Estado não assinou nada. Eu posso relaxar esse despejo, se o governo do Estado tivesse assinado o despejo eu não poderia fazer nada. Esperam que quando os herdeiros aparecerem aí vocês comprem, daí ele relaxou o despejo e eles vieram embora. Em meio há esse tempo os herdeiros apareceram e aí ele comprou cinco colônias. Meu avô morreu de velho com 105 anos em cima da área.

MH - E os outros o senhor sabe para que lado foram?

JQ - Tinha um tio meu Quadros foi para o Rio Grande, quando meu avô ganhou ele voltou, então meu avô deu um pedaço de terra ali do outro lado do lajeado, aquele lajeado que desce no lago é lajeado Quadros porque o Quadros morava lá. Os fundadores dessa Serra foram à família Quadros, hoje quase não existe mais porque tem bem pouquinho.

MNC - Naquela época o que plantavam?

JQ - Fazia rocio, você sabe que naquela época a criação vivia solta e a roça era fechada. Daí tinha o carreador que iam até o rocio, eles faziam roçadas de mato, queimavam, plantavam e quando era época de nascer à planta derrubavam os paus no carreador para a criação não passar, só voltava lá para dobrar o milho.

MH - Tocavam os porcos também?

JQ - Tudo, o porco era no mato e vinham para casa com a barriga tudo ensanguentada e arranhada dos espinhos. Porco de cento e poucos quilos vinha para casa comendo pinhão e fruta. Eu meio fechava no chiqueiro, dava uma limpada e tratava milho em espiga porque naquele tempo não tinha forrageira. O finado Jorge criava bastante porco tudo na base do milho em espiga, puxava cestada de milho e como condução tinha os cavalos.

MH - E quando criavam esse porco solto faziam a roça perto de casa ou longe?

JQ - Longe, seis quilômetros longe da casa e vender não vendiam. O finado avô começou a vender o porco quando foi feito a Serra do Goioen. Daí veio os engenheiros e começaram a obra, o finado avô abriu um negócio aí. Ele pegava e carneava toda semana uma porcada,

colocava no cargueiro de cesto e levava para vender pro cara que comandava a empresa, o cara dava de comer para o pião.

MH - O porco era tratado em um pedaço de terra que era de todo mundo junto?

JQ - Não, cada um tinha na sua propriedade, mas se misturasse não dava nada porque não tinha planta para comer era só mato, só se fosse à roça do outro. O prejuízo maior era os bichos comer (tateto, porco do mato, mico, quati). De um alqueire de roça uns três quartos em roda os bichos comiam tudo.

MNC - O senhor falou que tinha bastante pinhão?

JQ - O meu vovô era rico de pinhal na área dele. Depois foi ficando velho e naquele tempo aposentadoria não existia, então ele foi vendendo, vendendo, tinha uma serraria ali no tope que ele vendia, assim ele vivia. Era tudo pobre, um dos filhos não tinha mais pinheiro para vender, plantar não plantava, no final não tinha mais pinheiro para vender ai os filhos ajudavam alguma coisinha, mas tudo era pobre. O finado avô morreu na miséria, ele sofreu no final da vida dele. Não era fácil, eu não tenho vergonha de contar tudo o que a gente passou.

MH - E a comida?

JQ - Carne vivia muito bem, criavam porcos, mas vaca ninguém tinha, ninguém tinha vaca de leite, ninguém conhecia junta de boi, ninguém tinha. Sabe quando começou vaca de leite, acho que foi no ano de 48 – 49. Para vocês verem o sofrimento que era o pai de seu Tobias vieram de carroça de boi lá de Soledade no Rio Grande e trouxeram vaca de leite, levaram muitos dias para chegar. Dai não trouxe tudo e depois ia até Soledade buscar o resto da mudança, ele fez muitas viagens ida e volta.

MH - Então se ninguém tinha ainda naquela época boi o trabalho na roça era tudo manual?

JQ - Derrubava o mato e daí queimava e plantava, até o terceiro ano dava sem limpar, depois mudava o rocio e fazia pra lá e pra cá. Ficava ai usando a terra por três anos e quando chegava ao final o primeiro rocio já tinha nove anos e já era capoeirão. Derrubava o capoeirão com o machado e fazia outra roça. A semente era tudo crioula, os velhinhos atavam uma bolsinha na

cintura, com a cavadeira, tiravam a sementinha de três em três e plantavam, ai colocavam o pé em cima da cova para esconder a semente dos bichos, porque tinha muito bicho que comia a semente.

MH - E para colher?

JQ - Era tudo no cargueiro, tinha as cangalha para colher.

MH - Já tinha máquina trilhadeira?

JQ - Não tinha nada, se quisesse vender o milho debulhado não vendia nada, só vendia milho para um empresário da serraria. Ele comprava para tratar os bois na espiga, porque tirava tora do mato.

MH - Não compravam o milho para fazer a farinha?

JQ - Não, nem moinho tinha, a minha finada mãe, vamos voltar um pouco para trás, usava o monjolo, fazia farinha de cascalho, canjica e quirera também. O milho eles passavam no pilão, socavam um pouco e tiravam a casca, tinha um depósito que enchiam de água depois colocavam o milho, ai ficava uns três a quatro dias e amolecia, ai tiravam aquele milho do depósito, lavavam muito bem lavados e colocavam no monjolo, depois de bem moído tiravam, peneiravam e faziam a farinha. Fazia mais para o gasto porque vender ninguém vendia nada. A mãe fazia muita farinha de mandioca, pegava um mandioccal em sociedade e fazia farinha de mandioca, eu fazia calo nas mãos de tanto tocar aquela roda para a mãe fazer a farinha. Daí tinha o tal de tipiti que meu avô materno fazia um balaio, que espremia a massa e saía enxuta sem nada de água, ai peneirava e colocava secar no forno e não podia fazer demais fumaça porque queimava, e era sofrido.

MNC - Era só para comer?

JQ - Só para comer, ninguém comercializava nada. Dinheiro naqueles tempos só conheci com uns vinte seis anos. Naquela época tinha os mais esperto que faziam o alambique e fabricavam cachaça. Então o que mais vendiam era cachaça porque todo mundo gostava. Levavam no cargueiro para fora, para a cidade e vendiam no cargueiro. Aquela estrada que vai para o Tope

da Serra, além de toda miséria que o povo tinha, eles cobravam seis dias de serviço para o município manter as estradas. Se não pagava em um ano no outro tinha que pagar doze dias. E não fizesse vinha o inspetor com o revolve na cinta e até prende eles prendiam.

MH - Quando vocês faziam o rocio faziam puxirão também?

JQ - Fazia puxirão, se reunia na vizinhança e tocava o serviço, até pouco tempo se fazia. De uns quinze anos para cá que não se faz mais, tem muito pouca gente, saiu todo mundo trabalhar na Sadia, de tarde não se vê mais ninguém, só velho aposentado. Naquela época o pessoal vivia porque tinha economia, ninguém tinha nada, ninguém pagava gás, luz,... Naquele tempo comia as comida da roça, o porco nós carneava ninguém fazia a banha, só guardava o toucinho e quando estragava usava para fazer sabão com cinza. Forrava um cesto com folha de banana co, enchia de cinza e ia socando, se chamava de baleeiro esse cesto, quando estava bem cheio colocava água todo dia, colocava o toucinho ferver, levada uns quatro a cinco dias para fazer o sabão.

MNC - Seu João o senhor falou que não comercializavam nada, como faziam com as roupas?

JQ - Mas a roupa era empastada de remendo, a roupa original a pessoa não conhecia, pergunta para a avó que era daquela época. A roupa os tropeiros traziam de São Paulo nas tropas. Ai teve uma época em que o governo federal começou a mandar roupa popular para os pobres que não podiam comprar. Toda vida sacanagem teve, a roupa vinha na loja na cara pegavam e vendiam tudo. La iam os pobres procurar as lojas para buscar a roupa que o governo mandava e eles diziam “aqui não tem roupa para pobre.” Toda vida teve fraude, hoje descubrem porque tem quem fiscaliza naquele vez ninguém fiscalizava o governo. Naquela época ninguém dava nada, os tropeiros traziam na bruaca as fazendas e vendiam aqui no Bormann, os primeiros comerciantes eram o Scheffer.

MNC - Aqui tinha escola seu João?

JQ - Não tinha nada, naquela época meu finado avô contratou um professor para ensinar em casa, uns aprenderam outros não, meu pai não aprendeu nada. Vinha um tal de Armindo Marconde ensinar na casa e não cobrava nada.

MNC - Mas escreviam no que seu João?

JQ - Escreviam na lousa e depois apagavam e escreviam de novo, caderno não tinha.

MH - E se o senhor pudesse falar como eram as casas?

JQ - As casas eram cobertas com folha de coqueiro, pegava e lascava pinheiro de dois metros e fazia as parede, só que assoalho não tinha, era chão batido, o fogo também era no chão, pendurava as panela no gancho. Tinha gente que passava frio no inverno, se acudiam com o fogo, levantavam de noite e se esquentavam no fogo para não morrer de frio. Aqueles cobertorzinho, as tal ampola algum comprava e os outros coitado, algum dormia nos poncho, mas uma família grande com pouca coberta era sofrido, não se queixavam porque não sabiam o que era bom. O que defendia muitas pessoas era a balsa no rio Uruguai, quando dava uma enchente de São Miguel era uma alegria para aquelas pessoas. O pai da Dona Isabel fez alguma viagem nas balsas e até trazia algum dinheirinho para casa. Os empresários levavam as balsas para lá e eles desciam por terra de trem e esperavam os peões na Argentina, ai pagavam e eles voltavam a pé.

MH - Acontecia alguma vez de o empresário não pagar?

JQ - Acontecia, alguma vez perdia toda a madeira no rio, a balsa quebrava ou secava o rio ai ficavam meses esperando chegar à Argentina. Eles só ganhavam comissão da madeira que vendiam. Era sofrido e quando chegavam os balseiros em casa soltavam foguete de alegria.

MH - Quais eram as madeiras vendidas?

JQ - A madeira era quadrada, de trinta cm de largura, cada prancha dava três tábuas. Só pinheiro, ia madeira de lei também, mas era tora de cedro. Amarrava tudo com cipó, antes de começar as enchentes tiravam as pessoas para tirar o guambe, milhões e milhões, ai ia atando os cipós, depois que foi melhorando usavam arame para atar.

MH - Quantos dias eles levavam para chegar lá?

JQ - Levavam mais ou menos uns quinze dias para chegar, precisavam levar comida e tudo. O salto é no rio Uruguai.

MH - Alguma coisa que o senhor gostaria de falar dos tempos antigos?

JQ - A coisa mais importante que deveria existir mais amor, o povo vivia mais em conjunto, um atendia o outro, fazia o puxirão, a religião também faziam as festas dos santos, faziam o tal de leilão quando sobrava carne, e daí o cara arrematava e precisava pagar só no outro ano.

MNC - E não passou aqui o João Maria?

JQ - Passou, o João Maria posou na casa do meu avô.

MNC - O senhor chegou a conhecer ele?

JQ - Não, só tenho a foto, muita coisa que ele falava, deixava dito pode ver hoje, pode estudar na bíblia.

MNC - Ele era um profeta? Ele vinha substituindo o padre que não podia vir?

JQ - O padre parou de vir quando mataram o padre Manuel. Ele vinha de Palmas rezar missa, ele vinha a cavalo e ficava por ai posava no meu avô depois ia para Chapain que era bem longe, fazia a volta por Nonoai e voltava para Palmas.

MNC - O monge João Maria já tinha vindo antes dos padres?

JQ - O João Maria era bem antes dos padres, ele disse para o meu finado avô que iria encerrar as viagens dele porque o mundo estava muito contaminado e que ele não podia sair mais. Então ele dizia: - Eu não posso mais sair porque tem lugar que é tapado de fumaça e não consigo cruzar. Ele vinha só pelos mato, ele não podia vir nem pelos carreiros nem por estradas, só pelos matos.

MH - E as águas onde ele o passava faziam o benzimento?

JQ - Ele deixava benzida as águas onde ele passava. As águas ai perto do Davi ele benzeu e disse que pelo menos por um ano ele garantia que tudo que é doença ele curava. O pai deu aquela febre brava, deu em toda a família a tal de peste espanhola, uma febre que veio lá da Espanha, então ele salvou algum e só sarou quem se banhou nas águas. Por um ano ele garantiu que curava todo mundo, com fé ou sem fé está todo mundo curado, depois de um ano, só vai curar quem tem fé. Em cada lugar ele deixou uma, aqui na Linha Quadros tem uma gruta ele deixou uma água benzida. Lá na Linha Chalana do outro lado do rio ele também deixou. No Passo Ferreira adiante do Bormann ele deixou uma água, eu fui lá com a Dona Isabel porque tinha uma promessa para pagar. Meu pai queria que eu fosse porque ele era muito doente, então queria que eu levasse a foto para o João Maria, mas nem foto tinha ai eu queria fazer uma foto de cera, uma imagem de uma pessoa. Então fomos a cavalo até lá, eu fui batizado também nas águas do João Maria. Depois eles fizeram uma igreja para a crença do João Maria.

